

A FIGURA E A ACÇÃO DO REV. PE. JOSÉ DA FELICIDADE ALVES

Mons. Alberto Teixeira Dias

Pede-me a direcção do Centro de Estudos dos Povos e Culturas da Universidade Católica Portuguesa para colaborar no número da sua revista Povos e Culturas, número especial dedicado a comemorar o 40.º aniversário da revolução de Abril, com um artigo testemunhal centrado na figura do Pe. José Felicidade Alves.

Dada a grande estima que tenho pela memória do Pe. Felicidade, se por um lado me enche de alegria a possibilidade de testemunha-la, por outro temo que o meu testemunho seja um pouco redutor por se centrar particularmente no âmbito do meu relacionamento com ele enquanto seu aluno e seu coadjutor o que foi gerando uma amizade que embora sem grande intimidade permaneceu até ao fim da sua vida: a última vez que o visitei foi na sua casa na Cruz Quebrada, exactamente oito dias antes da sua morte. A confirmar essa amizade posso citar um episódio ocorrido no Bombarral onde eu era Pároco e diretor do Externato Académico, um pequeno colégio do Patriarcado, e ainda antes da rutura do Pe. Felicidade com a Igreja. Estando no referido colégio fui abordado por um sujeito que me disse que queria falar comigo. Fi-lo entrar no meu gabinete onde logo se identificou como agente da D.G.S. e me disse que tinha determinadas informações a meu respeito, entre as quais que eu era muito amigo do Pe. Felicidade, ao que respondi, que sim que tendo sido seu aluno e seu coadjutor e dado que ele sempre tinha sido meu amigo eu era de facto muito amigo dele. Tinha razões de sobra para sê-lo. Não podia, nem posso esquecer um momento difícil dos meus primeiros tempos da minha vida de padre. Tendo sido nomeado pelo Cardeal Cerejeira, Capelão da base aérea do Montijo, não pude tomar posse imediatamente por ainda não estar criada a nível militar a referida capelania, acabei por ir parar minha casa no norte, onde o Pe. Felicidade mandou o meu con-

discípulo Pe. Alberto Neto já seu coadjutor, para saber o que se passava comigo e com o recado de me trazer com ele para Belém. E tudo se resolveu com a minha “providencial” nomeação para coadjutor da paróquia.

Por isso a minha amizade com Pe. Felicidade tem muito de gratidão. Ele foi para mim sobretudo um mestre. Mestre porque foi meu professor de Teologia Dogmática, ao longo de três anos, mas mestre também enquanto pastor. Com as suas aulas e com a minha colaboração no exercício fulgurante do seu ministério paroquial. Tive a felicidade de ter acompanhado o auge da sua entusiasmante ação pastoral como pároco de Belém. E conscientemente digo “entusiasmante”, porque foi sobretudo de entusiasmo, de alegria, de colaboração de muita gente. Até Mons. Pereira dos Reis, primeiro e tão estimado reitor do Seminário dos Olivais, agora recolhido como Oblato Regular, no Mosteiro de Singeverga e onde chegavam ecos desse êxito pastoral, e me dizia quando o visitava no Mosteiro: “ó rapazinho conta-me o que têm realizado e como tem sido realizado”. E eu falava-lhe da alegria e da beleza das celebrações, da riqueza doutrinal das suas magistrais homilias, do conforto que dava ver a grande Igreja dos Jerónimos cheia de famílias (as famílias numerosas do Restelo) e de jovens. E a catequese bem organizada com um secretariado responsável e com dezenas de catequistas jovens. Para isso enviou uma senhora, a Maria do Rosário Rocha e Melo, a formar-se no Centro Catequético de Paris para organizar a catequese na Paróquia.

Também no Campo Social; chamou uma assistente social, a Margarida Aranha, que enviou igualmente a Paris, para se preparar expressamente para este trabalho na Paróquia.

Foi de facto para mim uma bênção de Deus esse trabalho como coadjutor em Belém.

Aliás, também para o próprio Pe. Felicidade, o trabalho pastoral como pároco de Belém marcou nele uma abertura e uma sensibilidade apurada que tornou a paróquia de Belém verdadeiro modelo de ação pastoral paroquial.

Entretanto, começaram a surgir as dificuldades quer a nível da Igreja, com o próprio Patriarca, o Cardeal Cerejeira, quer com o Governo.

A relação com o Patriarca nunca foi fácil. No final do 3.º ano de Teologia, já ordenado Subdiácono e portanto com o compromisso do celibato, foi-lhe comunicado que não seria ordenado Diácono. Que devia, portanto, pedir dispensa dos compromissos assumidos. Ao que ele respondeu (o próprio me contou) que ao aceitar a ordenação de Subdiácono sabia muito bem ao que se comprometia e portanto não pedia dis-

pensa nenhuma, e que só lhe interessava servir a Igreja: na Capela Mor ou Nave Lateral.

Em resposta a esta sua resposta recebeu do Patriarcado a comunicação que devia pedir a ordenação de Diácono.

Já Pároco em Belém, estando eu também já coadjutor, sucedeu outro episódio curioso que mostra bem quanto se estimavam e apreciavam mutuamente.

Foi o seguinte: Era tradição no dia de Ano Novo o clero, pelo menos o clero residente em Lisboa, comparecer no Patriarcado para apresentar ao Senhor Patriarca votos de Bom Ano Novo. E o Senhor Patriarca sempre fazia uma pequena palestra sobre um tema atual. Nesse ano a palestra do Senhor Patriarca não agradou ao Pe. Felicidade, que manifestou por escrito o seu desgosto ao Prelado e logo a seguir foi fazer retiro para Lisieux. Lá (desculpem a expressão mas foi a que ele usou) andou nos cornos do diabo. E escreveu ao Senhor Patriarca, que lhe respondeu (e o Pe. Felicidade mostrou-me a resposta): “Li a tua carta de joelhos diante do Santíssimo Sacramento”.

E mesmo depois do seu afastamento da Igreja, houve vários episódios que mostram bem que essa mútua afeição nunca desapareceu totalmente. Um deles foi-me contado pelo Senhor D. José Policarpo; pelos anos sessenta realizou-se em Roma um Sínodo dos Bispos, cujo tema andava à volta, creio eu, do ministério sacerdotal. Suponho que para marcar posição relativamente ao assunto um grupo de padres, afastados do ministério, oriundos de todo o mundo, reuniram-se numa espécie de sínodo paralelo em Roma. Estavam presentes vários padres do Patriarcado, incluindo o Pe. Felicidade. O então Pe. Policarpo, estudante de Teologia instalado no Colégio Português, teve contacto com alguns deles, e falou nisso ao Cardeal Cerejeira que disse: gostava de falar com o Pe. Felicidade. Ele que marque o dia, a hora e o lugar, gostava de me encontrar com ele. O Pe. Policarpo comunicou ao Pe. Felicidade o desejo do Senhor Patriarca e foi-lhe dito que lhe daria a resposta no dia seguinte. A resposta foi esta: “Olha não, porque se nós nos encontramos, caímos nos braços um do outro”.

Outro episódio curioso aconteceu num jantar em casa da irmã, já então minha comadre, pois sou padrinho do filho mais novo. Além dos donos da casa, estavam presentes o Pe. Felicidade, a esposa e, também, os meus pais. Aliás a minha mãe tinha uma grande estima pelo Pe. Felicidade. O jantar começou um bocado morno, mas a certa altura, não me lembro como a conversa voltou-se para o Cardeal Cerejeira, e o Pe. Felicidade começou animadamente a contar histórias acerca do Cardeal Cere-

jeira e todas verdadeiramente elogiosas. Posso referir uma que tinha a ver com a ida do Papa a Bombaim. Uns dias antes da viagem do Papa o Cardeal Cerejeira chamou o clero da cidade ao Patriarcado e, praticamente, proibiu os padres de, nas homilias, se referirem à viagem do Papa. O Pe. Felicidade contou que nem sequer fez homilia. Mas logo foram dizer ao Senhor Patriarca que ele tinha feito propaganda da viagem Pontifícia. Na segunda-feira o Pe. Felicidade foi chamado ao Patriarcado para falar com o Senhor Patriarca, mas quando se encontraram o Senhor Patriarca disse-lhe: “Rigorosamente já não te quero nada, pois soube, entretanto, que a informação que me chegou não era verdadeira.” E continuou: “mas já que estás aqui, te digo: tu ficaste triste comigo há dias quando falámos da viagem do Papa.” “Não, Senhor Patriarca” respondeu ele, e o Senhor Patriarca continuou: “ficaste, ficaste, eu conheço-te muito bem. Ficaste triste com a triste figura que eu fiz. Mas foi o Papa que me pediu que o fizesse. Eu estava em Roma, o Papa chamou-me e disse-me que o governo Português tinha ameaçado cortar relações com a Santa Sé, se em Portugal fosse muito divulgada a notícia dessa viagem. E o Papa pediu-me que fizesse tudo o que pudesse para que a notícia não fosse muito divulgada”.

Depois de contar esta e outras histórias, a meu ver todas elogiosas, do Cardeal Cerejeira o Pe. Felicidade concluiu: “É certo que nós tivemos umas coisitas”. Relativamente às tensões no campo político só posso testemunhar o que presenciei. É natural que existissem questões anteriores. Mas creio que tudo se azedou com a homília que o Pe. Felicidade fez comentando o discurso da tomada de posse do General Deslandes como Governador Geral de Angola, que aconteceu a 17 de Junho de 1961.

Vão lá mais de cinquenta anos, mas tenho bem presente o desenrolar dos acontecimentos.

Era Domingo. Estava a decorrer a Missa das 11Horas, creio que, ainda, celebrada pelo Pe. Alberto Neto. O Pe. Felicidade e eu estávamos na sacristia cada um na sua secretária. A certa altura o Pe. Felicidade disse-me: “Se depois desta homília eu não for preso, ninguém me diga que não há liberdade de expressão em Portugal.” E eu perguntei: “O que é que vai dizer?”, respondeu-me: “Se queres saber vai assistir à Missa”. E eu fui.

O Pe. Felicidade começou assim a homília: “Hoje, no confessionário, e fora dele muitas pessoas nos perguntam se valerá a pena ir lutar para a Angola.” E continuava afirmando que se nos propusermos fomentar a cultura e o desenvolvimento do povo, Deus estará connosco e então vale a pena.

E dizia à maneira de conclusão: “ora, quando o mais alto Magistrado da nossa província mártir afirma isto”. E pegando no jornal que trazia

consigo, leu uma passagem do referido discurso do General Deslandes, e concluiu: “Assim Deus não estará connosco e, sozinhos, não vale a pena”.

Claro que as reacções começaram logo durante a Missa. O Professor Inocêncio Galvão Teles que entrara entretanto para participar na missa (a família tinha vindo pouco antes habitar na área da Paróquia) mostrou-se logo muito agitado e, mal terminou a Missa, dirigiu-se à sacristia, ainda o Pe. Felicidade não se tinha desparamentado, e dando um murro no arcaz disse: “Senhor Prior eu venho aqui, como católico e como português, protestar contra a homília que o senhor acaba de fazer. Ao que o Pe. Felicidade respondeu: “Está no seu direito.”

Nessa altura o Senhor Patriarca estava em Roma e, segundo me disse depois o Pe. Felicidade, as notícias, as queixas e as exigências de sanções foram muitas a chegar a Roma.

A reacção do Cardeal Cerejeira com o Pe. Felicidade foi lacónica. Limitou-se a escrever-lhe: “ouvi dizer que tinhas tido problemas com uma homília que fizeste. Se tens algum documento sobre isso, agradeço que mo mandes.” O Pe. Felicidade enviou-lhe uma gravação da homília e cópia da carta que entretanto tinha escrito ao Prof. Galvão Teles.

O que depois se foi passando nos bastidores não sei. Sei sim de uma consequência imediata: O Presidente Américo Tomaz que ia habitualmente ao Domingo à Missa aos Jerónimos, deixou de lá ir, porque, dizia: “se lá vou pactuo com ele”.

Ainda fez uma tentativa de reconciliação enviando pelo Secretário Geral da Presidência, o Dr. Pereira Coutinho, uma velada sugestão de que se o Pe. Felicidade passasse pela Presidência da República inscrever-se no livro de cumprimentos, daria a questão por sanada. O Pe. Felicidade não aceitou, pois dizia: que ia todos os anos inscrever-se no livro de cumprimentos da Presidência da República, mas, sempre por sua iniciativa e decisão.

Mas é muito curioso que uns anos mais tarde num almoço em casa do Pe. Albino Lopes, então Pároco da Picheleira, em que estava presente, tendo-se recordado esse episódio o Pe. Felicidade afirmou: “Hoje não teria recusado porque, o Presidente na altura desceu o mais que podia descer.”

Entretanto o Presidente deixou de facto de ir à Missa ao Jerónimos e por uns tempos participou na Missa Dominical em várias Igrejas. Até que da Presidência pediram ao Patriarcado um capelão. E o Cardeal Cerejeira respondeu que tradicionalmente o capelão da Presidência da República era o Pároco de Belém. Assim tinha sido no tempo do Presidente Craveiro Lopes, e foi por essa razão que o Pe. Felicidade foi quem assistiu à morte da Senhora D. Berta.

E o Senhor Patriarca comunicou ao Pe. Felicidade o pedido da Presidência e o teor da resposta: “Eu disse que o capelão és tu. Mas não vás lá, manda outro.” E foi por isso que me coube a mim a tarefa de ir todos os Domingos celebrar a Missa na Capela de São Jerónimo, no Alto do Restelo, para o Presidente Tomaz, mandado pelo Pe. Felicidade.

E a terminar o meu testemunho acerca do Pe. Felicidade, não posso deixar de referir o momento importante que foi, para ele e para a Igreja, o ato de reconciliação pelo seu casamento canónico.

Creio que, ainda em 1997, mas depois da nomeação do Senhor D. José Policarpo, como Arcebispo coadjutor do Cardeal D. António Ribeiro, mas com futura sucessão, recebi de um amigo comum e do Pe. Felicidade além de amigo compadre, uma carta em que referia o estado de saúde do Pe. Felicidade e pedia para pôr ao Senhor D. José o problema da regularização canónica da sua situação conjugal.

Entretanto o tempo foi passando, e a 24 de Março de 1998, pela morte do Senhor Cardeal Ribeiro, D. José torna-se, efetivamente, Patriarca de Lisboa.

O nosso comum amigo volta escrever-me e a insistir na minha conversa com o Senhor D. José.

Essa conversa aconteceu no princípio da Semana Santa de 1998 no Seminário dos Olivais. Mostrei-lhe as cartas do amigo comum e pedi-lhe para pôr seriamente o problema. O Senhor D. José respondeu-me que teria o maior gosto e empenho na solução do problema, estava totalmente disposto a ir a Roma e convencido de que obteria a necessária dispensa de um dia para o outro. Mas acrescentava: “sei lá como ele reage.” Então disse-lhe: “Se me permite uma sugestão escreva-lhe. O Senhor foi aluno dele, acaba de tornar-se Patriarca de Lisboa, escreva-lhe um cartão”, ele respondeu-me que iria fazer isso mesmo.

Tempos depois, na ordenação episcopal de D. Tomaz, disse-me que tinha de facto escrito e dizia ao Pe. Felicidade que estava disposto a visitá-lo em sua casa. De facto aconteceu.

E tudo se resolveu rapidamente, dispondo-se o Senhor Patriarca a presidir à Eucaristia em que foi celebrado o casamento, cerimónia em que eu também participei.

Foi também concelebrante o Senhor Cónego D. João de Castro, a quem eu manifestei a minha alegria ao vê-lo ali, ao que ele me respondeu: “mas eu fui sempre muito amigo do Pe. Felicidade”.

Não teve muito mais tempo de vida, mas felizmente morreu reconciliado com a Igreja.